



ÍNDICE

XIII

“Editores que cumpriram a sua acção
no meio de grande desassossego”

Pedro Piedade Marques

5

PRÓLOGO

Onde se fala da casa dos livros como a
Biblioteca de Babel, ainda em memória
de Jorge Luís Borges, e do olhar de editor
que justifica toda essa narrativa

15

1. LUIZ DE MONTALVOR

(ÁTICA)

31

2. DELFIM GUIMARÃES E MARIA LEONOR DA CUNHA LEÃO (GUIMARÃES EDITORES)

45

3. AUGUSTO DOS SANTOS ABRANCHES (LIVRARIA PORTUGÁLIA, COIMBRA)

61

4. ANTÓNIO PEDRO
(CONFLUÊNCIA)

75

5. FIGUEIREDO DE MAGALHÃES
(ULISSEIA)

85

6. AGOSTINHO FERNANDES E
AUGUSTO DA COSTA DIAS
(PORTUGÁLIA)

95

7. EDUARDO SALGUEIRO
(INQUÉRITO)

103

8. MANUEL RODRIGUES DE OLIVEIRA
(COSMOS)

117

9. AMÉRICO FRAGA LAMARES
(CIVILIZAÇÃO),
ERNESTO CHARDRON,
MÁRIO FIGUEIRINHAS E OUTROS
EDITORES DO PORTO

131

10. MANUEL RODRIGUES (MINERVA) E
JOSÉ SARAMAGO (ESTÚDIOS COR)

143

11. ROGÉRIO DE FREITAS,
LEÃO PENEDO (ARTIS) E
VIRIATO CAMILO (PRELO)

149

12. FERNANDO RIBEIRO DE MELLO
(AFRODITE) E **LUIZ PACHECO**
(CONTRAPONTO)

161

EPÍLOGO

Onde se conclui ter sido louvável erguer
esta narrativa em honra e memória
de alguns editores

167

ADDENDUM

NA MORTE DE SERAFIM FERREIRA
Baptista-Bastos

171

ÍNDICE REMISSIVO

*“No pequeno meio
de pessoas ligadas
ao livro, dos amantes
do livro, fixava-se
o nome de alguns
destes editores. Mas
eram poucas pessoas.
O público em geral
está-se cagando para
quem é o editor,
como é óbvio.”*

VITOR SILVA TAVARES

“Editores que cumpriram a sua acção no meio de grande desassossego”

PEDRO PIEDADE MARQUES

EM 2012, quando decidi dedicar um livro à Afrodite de Fernando Ribeiro de Mello e me deparei com a ausência de qualquer ensaio que se pudesse considerar básico, fundacional ou seminal – uma verdadeira *tabula rasa*, que acabou por se tornar numa oportunidade que aproveitei – houve, contudo, um conjunto de três curtos textos que, pela sua qualidade e detalhe informativo, fui obrigado a considerar imprescindíveis, e de tal modo que pensei mesmo em republicá-los, se possível inseridos nesse volume que acabaria por chamar-se *Editor Contra*. Datando todos da década de 1990, e todos publicados depois da morte de Ribeiro de Mello, eram três textos de diversa dimensão e, à imagem dos autores, de muito díspares estilos.

O primeiro, intitulado *Portugal em Sade, Sade em Portugal* (de Aníbal Fernandes, ainda que publicado sob pseudónimo em 1992) era, talvez, o mais importante para

a pesquisa que me movia, uma vez que incluía a transcrição de uma fascinante – mas curta, *hélas!* – conversa com o editor, sendo o único texto que fixou um depoimento seu sobre essa célebre publicação da *Filosofia na Alcova* de 1966 e o correspondente processo judicial. O segundo, já de 1993, foi escrito por Ana Hatherly como introdução à segunda edição da *Vénus de Kazabaika* de Sacher-Masoch (publicada pela Relógio d'Água), em que lembrava, numa prosa deliciosa e dramática, a rocambolesca primeira edição do texto pela Afrodite, também no fatídico ano de 1966. O terceiro, publicado em 1999, era um texto memorialista de Serafim Ferreira em que, entre outros, o autor recordava alguns momentos da sua amizade com Ribeiro de Mello, indo da adolescência – nisso sendo já uma raridade – ao último encontro, a poucos dias da morte daquele em Fevereiro de 1992.

Contactei todos os autores no intuito de obter testemunhos sobre essas memórias, mas apenas Aníbal Fernandes pôde prestar-se a colaborar. Com Ana Hatherly cheguei a falar ao telefone, mas a sua já fraca saúde, se não a impediu de se alegrar com a ideia de um livro sobre Ribeiro de Mello (“era como o nosso afilhado, meu e da Natália”), não lhe permitiu mais. Serafim Ferreira recebeu também com agrado a informação de que se preparava um livro sobre o seu velho amigo, mas também aí não passei de uma conversa telefónica, e um compromisso para um encontro na sua casa na Amadora foi abortado pelo seu declinante estado de saúde, que chegou a impedi-lo já de teclar. Quando *Editor Contra* foi lançado, em Novembro de 2015, tinham ambos falecido.

Se acabei por desistir de incluir esses três textos nessa edição, mantive porém o interesse numa forma qualquer de os republicar, ainda que, por ser demasiado curto, o texto de Ana Hatherly não justificasse uma edição isolada. Uma vez que o de Aníbal Fernandes me parecia o mais “escondido” (publicado numa edição¹ da Hiena de Rui Martiniano, uma pequena editora “alternativa”, ainda que muito activa e com um excelente catálogo), e continha essa rara pepita que era o depoimento do editor sobre o “caso Sade”, propus-me lançar uma edição que o incorporasse (assumindo pela primeira vez o nome do autor) e que dele fizesse o centro e o pretexto para um ensaio sobre a edição do romance de Sade pela Afrodite e o processo que se lhe seguiu, anexando também alguns documentos processuais, uns já reproduzidos na 2.ª edição da *Filosofia na Alcova* de 1975, outros inéditos, algo que, por incrível que pareça, também ninguém se lembrara de fazer nas mais de quatro décadas desde essa edição. Assim se publicou no final do ano passado *Portugal em Sade, Sade em Portugal, seguido de o “affaire Sade” de Lisboa*.

Foi então que me ocorreu que o livro de Serafim Ferreira *Olhar de Editor*,² e não apenas o texto sobre

1. PAULHAN, Jean. *O Marquês de Sade e a sua cúmplice, seguido de Portugal em Sade, Sade em Portugal*. Lisboa: Hiena, 1992.

2. FERREIRA, Serafim. *Olhar de Editor*. Lisboa: Escritor, 1999.

Fernando Ribeiro de Mello nele incluído, era mais do que merecedor de uma reedição. Esgotada há muito nos fundos de catálogo por essas livrarias que ainda os vendem (restarão algumas quando este texto chegar aos olhos do leitor?), muito difícil se não impossível de encontrar por essas feiras de velharias e esses alfarrabistas, a velha edição da *Escritor* foi-se-me impondo cada vez mais como um objecto de urgente recuperação, de necessária releitura.

A sua raridade não se limita ao facto de ser praticamente impossível encontrar um exemplar à venda. *Olhar de Editor* é um dos raríssimos exemplos de memórias de editores na bibliografia nacional, e talvez o único exemplo que conheço no que toca à geração do seu autor, que esteve activa da década de 1960 à de 1980 ou 90. Teria atingido o cume inalcançável da raridade se entrasse mais pela autobiografia ou se, entre essas memórias de outros editores (que conheceu ou o inspiraram), Serafim Ferreira tivesse escrito a fundo sobre a *sua* própria experiência como editor. Todavia, ter-se-ão interposto a excessiva modéstia, o pudor ou aquela aparentemente sincera desvalorização do próprio trabalho que parece ser comum a editores portugueses dessa geração, e que me lembro de encontrar, por exemplo, no olhar de espanto de Vitor Silva Tavares quando lhe pedia que me falasse da sua curta experiência na Ulisseia, antes da chegada de Serafim Ferreira à editora: mas para que raio queria eu saber disso, a quem poderia isso interessar?

A isto acresce, talvez, uma amargura mais ou menos profunda, incómoda, varrida para as margens de

qualquer esforço memorialista, que me parece comum a esses editores que acreditaram que, deste lado da revolução de 1974, do lado da liberdade de publicar que lhes faltara até aí (ou, pelo menos, da ausência de um sistema censório, policial e judicial repressivo), teriam um risonho futuro num país ávido de livros outrora proibidos. Essa amargura cruza-se também – impossível seria não o admitir – com o peso de outras derrotas, de utopias batidas pelo auspicioso vento estival que o Inverno de 1975 tornou gélido.

Às falências de facto de inúmeros projectos editoriais na segunda metade da década de 1970³, juntaram-se outras falências, de projectos políticos e ideológicos, com os quais algumas editoras estavam intimamente en-
gajadas. Emparedados entre uma situação económica em que as suas bases de subsistência estavam em progressiva erosão, e uma situação cultural em que a procura do tipo de livros de carácter mais político ou intelectualmente mais exigente se esfumou à medida que o ímpeto revolucionário esmorecia, estes editores chegaram à nova

3. Não alheias à catastrófica gestão estatal do caso Bloco-Expresso a partir de Março de 1975, o projecto de uma grande distribuidora pública que governos da esquerda à direita arruinaram por incúria e inércia, levando de arrasto dezenas de pequenas e médias editoras, entre as quais a Diábril e a Fronteira – leia-se o que sobre esse processo ficou escrito em *Editor Contra*.

década como náufragos a uma praia: alguns, a custo, reergueram-se e sobreviveram como puderam; muitos não.

A amargura dessa derrota, dessas muitas derrotas, criou, parece-me, uma barreira de silêncio, intransponível à análise aprofundada da edição portuguesa da década posterior à Revolução, barreira que se agiganta pela quase total ausência de memórias ou relatos autobiográficos por parte de editores activos nesses anos. Ao contrário do espanhol, do francês, do inglês, do alemão, do italiano, o editor português é atavicamente averso a escrever retrospectiva e introspectivamente sobre si próprio e o seu trabalho. É esta uma tradição transversal a “grandes” ou “pequenos” editores e que cobre, para grande perda nossa, todo o último século de agitada história nacional, um século em que, através de três revoluções, uma ditadura militar e uma subsequente ditadura “constitucionalizada” (como parece ser agora a norma para a designar) que, juntas, duraram quase cinquenta anos, os editores foram agentes culturais a que não faltaram, em certos momentos, doses substanciais de heroísmo. É assim que, hoje, não podemos ler as memórias de um Francisco Lyon de Castro, de um Agostinho Fernandes, de um Eduardo Salgueiro, de um Ribeiro de Mello, de uma Snu Abecassis, de um Bruno da Ponte, de um Vitor Silva Tavares, etc, etc.

Seguindo, pois, esta funesta tradição, Serafim Ferreira optou aqui por nos omitir tudo ou quase sobre a sua experiência na Ulisseia, na Portugália e no Círculo de Leitores antes do 25 de Abril, e na Diabril e na Fronteira depois, sobre o seu importante trabalho como orga-

nizador de edições (como uma das primeiras antologias de contos de Jorge Luis Borges publicadas em Portugal, em 1965 pela Presença, ou *Cuba: Caso Padilla*, oportuna edição de 1971 sobre o caso de censura que abalou a confiança de muitos intelectuais no regime de Castro), e nada nos conta sobre o caso Bloco-Expresso. Mas se o seu olhar de editor parece querer evitar o espelho, evoca pelo menos a memória de outros editores e, nisso, repito, é de uma absoluta raridade na bibliografia nacional. O texto, em rigor, escapa formalmente ao género memorialista ou autobiográfico: é escudando-se num estilo coloquial, quase epistolar, num ritmo próximo do discurso oral, sem aparato crítico que corte essa leveza, que o autor deambula por estas memórias. Não somos nós, leitores, os destinatários em primeira mão destas recordações, mas antes o eminente bibliotecário e arquivista Luís Silveira⁴, um técnico, portanto, escolha de interlocutor que não será de todo casual: se a literatura não deixa de marcar presença forte (como podia ser de outro modo, tendo sido Serafim Ferreira crítico literário, e sendo alguns

4. Nascido em Évora, em 1912, onde foi bibliotecário antes de, em 1944, assumir o cargo de director da Inspeção-Superior das Bibliotecas e Arquivos. Com vasta obra publicada. Falecido em 2000. Note-se, porém, que alguns dados apresentados no texto apontam para a possibilidade de se tratar não *deste* Luís Silveira mas de um homónimo. Aqui fica a assunção da dúvida (cf. nota p. 77).

destes editores evocados – Luiz de Montalvor, António Pedro, José Saramago, etc – poetas e prosadores de vulto?), é dos que fazem os livros, os que dirigem colecções e sustentam editoras, que aqui se trata.

Apesar dessa máscara, desse jogo de espelhos que permite ao autor dirigir-se-nos e dialogar connosco indirectamente, sem nos encarar (e talvez sem se encarar), e do polimento literário que procura dar a muita desta prosa, o veio central que liga muitas destas histórias consegue vislumbrar-se através de pequenas, minúsculas brechas.

O ressentimento pelo modo como a aventura de editor independente no calor do PREC terminou, fuzadamente abordado, é afinal um eco do tema maior que é o da desdita do editor independente português (e independentes eram-no quase todos, dado que, fora os casos raros de editoras financeiramente poderosas que podiam adquirir outras e formar incipientes núcleos, semelhantes ao que hoje conhecemos como “grupos editoriais” – a Europa-América, que comprou a Gleba e a Inquérito, ou a Verbo que comprou a Ulisseia – todas as editoras nacionais durante grande parte do século XX foram pequenos ou médios projectos empresariais, de modestos recursos). Entre o trágico fim de Montalvor, o poeta do *Orpheu* e fundador da Ática (remetendo-nos o autor para um extraordinário texto de João Gaspar Simões em *Retratos de Poetas que Conheci*) e a morte na miséria e no esquecimento de Santos Abranches, o primeiro editor de *Sedução* de Marmelo e Silva em Coimbra, poucos dos aqui evocados escaparam, no mínimo, ao encerramento, à falência ou à perda das suas

editoras, ou a acabarem os seus dias esquecidos e em frágil situação financeira. Das editoras de que aqui se escreve, uma mão cheia apenas chegou até aos nossos dias, meras marcas descaracterizadas e arrancadas à sua própria história, incluídas em compras por atacado na febre da formação dos grupos, há uma década.

O mundo que Serafim Ferreira evoca, o de pequenas empresas editoriais aguerridas e personalizadas, sediadas nos centros urbanos de Coimbra, Porto ou (na sua maioria) Lisboa, muitas vezes lado a lado com as sedes dos muitos jornais que serviam de segundo ou primeiro poiso a alguns dos seus empregados, e não muito longe das tipografias onde os livros eram impressos, era, em 1999, um mundo praticamente extinto. Já para aí caminhava quando, no início da década anterior, Luiz Pacheco dedicou um texto a Eduardo Salgueiro da Inquérito, por alturas de uma homenagem que se lhe prestou em Lisboa: esses pequenos editores “obreiros de cultura”⁵, com pequenas mas prezadas tipografias de bairro (como a de Libânio da Silva), eram, em 1982, figuras quase mitológicas. Restava apenas, talvez, dentro desse “espírito de trincheira”, Vitor Silva Tavares e a sua &etc, fazendo a ponte entre esse passado heróico e um presente de grave crise mas de novas pequenas editoras e de nova gente.

5. “Um Obreiro de Cultura”, publicado no *Diário Popular* de 8 de Novembro de 1983 e depois em *Textos do Barro* (Contraponto, 1984).

Em 2018, quando escrevo estas linhas introdutórias, não resta seja o que for: não apenas a morte, no seu curso normal, levou os que ainda vivos eram quando a primeira edição deste livro saiu, como um implacável vento de suposta modernidade urbana, não satisfeito em ter-nos levado dos centros das grandes cidades os jornais, os editores e as tipografias, começou a varrer deles as livrarias, em particular os alfarrabistas, onde os frutos deste labor editorial de mais de um século, que *Olhar de Editor* documenta, se expõem (ainda) aos olhos curiosos de passantes ou potenciais compradores. Daqui a dez anos, quem, com uma cópia desta edição nas mãos, poderá encontrar com facilidade à venda, nas ruas do Porto ou de Lisboa, um livro da Inquérito, da Cosmos, dos Estúdios Cor, um Zweig da Civilização, um José Gomes Ferreira da Portugalia anterior a 1974 ou da Diabril “revolucionária”? Salvar-nos-ão então ainda as feiras de velharias, como últimos bastiões desta tradição bibliográfica nacional? E, desaparecendo aos poucos também das feiras os livros que estes editores publicaram, serão as bibliotecas a fazê-lo, como parece apontar o autor deste livro na sua estratégica escolha de interlocutor e na inicial evocação de Borges?

Numa altura em que funcionários de grupos editoriais dominantes se apropriam das marcas e da aura de rebeldia de alguns dos editores aqui evocados, apresentando-se como continuadores de velhas chancelas radicalmente opostas, na sua constituição, na sua natureza e no espírito do seu catálogo, àquilo que estes “relançadores” representam hoje (a edição-por-comité, a conquista do mercado através da aquisição de várias pequenas editoras,

cujas independências passam a ser mera ilusão de *marketing*, a estratégia agressiva sobre outros agentes do mesmo mercado)⁶, é cada vez mais importante lembrar quem eram e que faziam esses *genuínos* pequenos ou médios editores irredutivelmente independentes que Portugal já teve, antes que se esqueça de vez que existiram (ou que, da noite para o dia, mude o paradigma da “independência”).

A morte foi também mais rápida do que eu no contacto com Baptista-Bastos, a quem já não consegui pedir duas coisas: um prefácio para esta edição e os contactos dos herdeiros⁷ de Serafim Ferreira, em particular a sua filha, mencionada no obituário que escreveu no *Jornal Económico*. Foi o único registo desse óbito na imprensa (mais uma vez, a velha sina dos pequenos editores independentes portugueses: acabarem esquecidos no “meio”), mas a qualidade da sua escrita, bem como o valor de depoimento em primeira mão de alguém que conheceu o autor e com ele conviveu em Lisboa, fizeram-me pedir a autorização da republicação do texto ao seu filho, Miguel Baptista-Bastos, a quem agradeço por, em nome dos seus irmãos e da sua mãe, a ter concedido.

6. Cf. “Rui Couceiro: ‘A intuição distingue os melhores’”, *Expresso*, 11.08.2018. Nesta entrevista, o editor da Contraponto, uma chancela do Grupo Porto Editora, é apresentado como o “relançador” da Contraponto de Luiz Pacheco.

7. Contactos de que continuo à procura, de resto, após várias diligências infrutíferas nesse sentido.